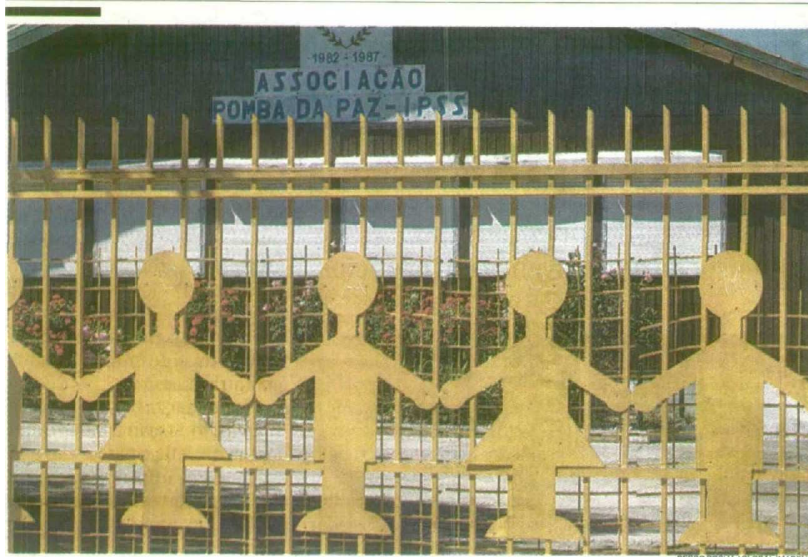




Inês Cecílio e Mónica Silva (em cima da esq. para a dir.) foram mortas à porta do infantário onde andava a filha do homicida, Pedro Magalhães

Tribunal terá de decidir quem passa agora a exercer as responsabilidades que eram do pai

Crime deve ser explicado aos filhos como "loucura"

Catujal. Pedopsiquiatra defende que crianças devem saber o que se passou e serem ajudadas a perdoar o pai, que lhes deixou um bilhete

RITA CARVALHO

É preciso explicar o que aconteceu às três crianças que na sexta-feira ficaram sem pai, depois de este ter morto a ex-mulher e se ter suicidado no Catujal, em Loures. É esta a opinião da pedopsiquiatra Ana Vasconcelos, que sublinha que isto deve ser feito por uma pessoa da confiança dos menores, a seu tempo, e sempre enquadrando o crime como um "desvario", um "ato de insanidade mental e loucura" do pai.

Para já, à menina de três anos, que ficou ao cuidado da avó materna, deve apenas ser dito que o pai e a mãe morreram. Mas o mais velho, já com nove anos e filho de um relacionamento anterior de Pedro Magalhães, tem capacidade para compreender o que se passou, considera a especialista. "Se ainda

não sabe, deve saber. Mas isto deve ser explicado por alguém da sua confiança, uma pessoa de referência. Se souber por outros, vai achar que quem está agora a cuidar dele é incompetente", explicou ao DN a pedopsiquiatra. Em relação à menina de cinco anos, também filha do relacionamento anterior e que está agora com a mãe e o irmão, Ana Vasconcelos considera que ainda não tem capacidade para entender o sucedido.

A pedopsiquiatra, que já acompanhou um caso semelhante, diz que é importante enquadrar este ato de Pedro Magalhães como um desvario, um ato de insanidade mental. "Algo que acontece quando a sobrevivência pessoal vem ao de cima. O sofrimento é tão grande que a pessoa fica fora da realidade. É um fanatismo, em que só se pensa em fazer justiça, mesmo que

implique a própria morte." Segundo os amigos, Pedro estava com uma profunda depressão, a ser seguido por um psicólogo e sobre medicação. Segundo avançou ontem a SIC, no carro onde aguardou pela chegada das duas mulheres, foram encontrados comprimidos.

Apesar do trauma para as crianças, Ana Vasconcelos acredita que é possível os filhos perdoarem o pai, a quem este terá deixado um bilhete e dinheiro Aliás, acrescenta, só conseguirão viver se o fizerem. Para isso, defende, terão de ter uma "educação sem falhas, e uma vida o mais normal possível".

Na opinião da pedopsiquiatra, quem ficar agora a cuidar dos menores tem de ter capacidade para gerir este assunto e, se necessário recorrer a ajuda de um "diretor espiritual", seja um psicólogo, psiquiatra, um padre se tiverem fé, ou

um amigo. No caso da avó materna, que ficou sem filha na sequência do homicídio, a situação será mais difícil, reconhece. "É preciso dar tempo a esta avó para que a sua raiva se transforme num desgosto sentido, verbalizado". E alguém "que fique atento à sua solidão, que consiga compreendê-la", acrescenta. Apesar da tarefa difícil, a especialista lembra que, em situações como estas, há pessoas que ganham forças para fazer ainda melhor, neste caso, para criar a neta como a filha gostaria que o fizesse.

Autópsias aos corpos feitas hoje

O futuro das três crianças que agora ficaram sem pai, uma das quais também sem mãe, começará hoje a ser definido pelos técnicos sociais e o Tribunal de Família e Menores de Loures, sempre em colaboração com a família. Apesar de estarem ao cuidado da avó materna e da mãe – a quem o tribunal retirou há cinco anos a guarda dos filhos para entregar ao pai – todos têm de ser alvo de um processo de promoção e proteção para que se defina quem passará agora a exercer as responsabilidades parentais.

Só hoje os corpos de Pedro Magalhães, Inês Cecílio e Mónica Pinto começarão a ser autopsiados no Instituto de Medicina Legal.